

Férias em casas alheias

TEXTO ANA FONSECA FOTOGRAFIA JOÃO GIRÃO

Trocam de casa como quem troca de camisa e proporcionam uns aos outros férias em tudo diferentes do habitual. Conhecer um país ou região fora dos tradicionais circuitos turísticos, pagando apenas a viagem, é um privilégio que liga os 21 mil membros do TrocaCasa

QUE AGRADÁVEL É CHEGAR ao local de vaneio e encontrar uma casa apetrechada de tudo o que garante conforto, brinquedos para as crianças e até, porque não, um jardim para regar ou um animal a quem dar de comida e carinho. E mais. Normalmente junto ao abrigo é também deixado um automóvel bem atestado, que facilita a descoberta e a locomoção.

Tudo isto a troco de nada, além do respeito, confiança e simpatia, é o que os associados do TrocaCasa oferecem uns aos outros durante todo o ano, apesar de o pico do programa se verificar durante os meses de Verão. Destinos não faltam, para dar asas à vontade de conhecer países e cidades diferentes, cruzando continentes ou não, após as viagens iniciais, via Internet, durante as quais se definem as regras da boa ocupação das habitações alheias e se dão algumas explicações.

E foi assim que António Batista (42 anos), Helena Santos (48 anos) e os dois filhos (9 e 11 anos) acertaram agulhas com a família canadiana que durante duas semanas esteve de férias em sua casa, situada na Mina do Azeiche, concelho de Alcobaça, e na habitação da qual foram passar cerca de 15 dias de férias.

As duas famílias não se conheciam pessoalmente, pelo que António Batista e a mulher resolveram fazer uma surpresa a Luc Benoit, Brigitte Vincent e aos seus três filhos. No dia em que regressaram de umas férias no Algarve dirigiram-se à sua casa da Mina, situada numa verdejante falésia com vista para o mar, decididos a saudar os canadianos oferecendo-lhes coloridas flores de vidro da Marinha Grande.

Uma família canadiana trocou de casa por duas semanas com uma portuguesa: uns passaram férias em Alcobaça, os outros viajaram até ao Canadá

les lhes tinha preparado: uma mesa com algumas das iguarias locais e bebidas refrescantes para os miúdos. Mimos de boas-vindas à casa de acolhimento!

Para o casal canadiano – ela produtora e ele vice-presidente financeiro de uma empresa que realiza programas para canais televisivos nacionais e internacionais –, o que desenca-

Trocaram beijos e apertos de mão e falaram sobre a estada dos canadianos no apartamento que lhes disponibilizaram e que habitualmente utilizam como segunda habitação (a primeira situa-se na Marinha Grande). Por outro lado, a família canadiana deu algumas orientações sobre a sua casa, na cidade do Quebec, e acerca da recepção que a mãe de um de



A família canadiana que este ano passou férias em casa de António Batista usufruiu de um espaço rodeado de vegetação com vista para o mar, de um carro que os levou a vários pontos do país e de toda a comodidade de um lar. Tanto o casal como os seus três filhos renderam-se ao programa TrocaCasa

deu esta “aventura” foi um artigo num jornal sobre o HomeExchange (TrocaCasa). “Depois fomos à Internet e achámos que existiam muitas opções em muitos países”, explica à **NS** Brigitte Vincent, que acrescenta: “Somos uma família de cinco elementos e fica muito caro ir para um hotel. Além disso, eu e a minha filha temos muitas alergias alimentares e o facto de ser possível fazer compras no comércio local e cozinhar as nossas refeições é fantástico.” Luc Benoit (44 anos), Brigitte Vincent (45), Júlia Vincent-Richard (13), Maxime Benoit (11) e Nicholas Benoit (14) começaram o TrocaCasa no ano passado, em Marselha, onde permaneceram três semanas. Em Junho estiveram quatro dias numa localidade perto de Boston, nos Estados Unidos, e agora procuram uma casa na Florida, onde possam passar o próximo Natal.

E como será deixar à mercê de desconhecidos a casa e os haveres? “No início falámos muito sobre o assunto e concluímos que é tudo uma questão de confiança e que no fundo é uma troca que tem como base a confiança”, argumenta Luc Benoit. “A família francesa em casa de quem ficámos passou depois três semanas na nossa habitação e correu tudo bem. Somos fãs deste sistema de férias”, adianta. A poucos dias de embarcarem para o Canadá, os membros da família Batista contaram à **NS** que foi através do canal de televisão Euronews que, em 1997, ouviram falar pela primeira vez no HomeExchange. A Internet permitiu obter mais informações sobre a modalidade, que desde logo suscitou bastante interesse. Porém, só em Fevereiro de 2005, com a vida familiar e profissional mais organizada, António Batista decidiu filiar-se no *site*. Na altura, conta,

“em Portugal existiam 13 membros registados, sendo a maioria cidadãos estrangeiros com casa no nosso país”.

A “estreia” do casal português ocorreu em Agosto desse ano, altura em que fizeram uma troca com uma família parisiense. O objectivo da escolha da cidade prendeu-se então com o desejo de levarem os filhos à Disneylândia. “A casa ficava num bairro típico de Paris”, designadamente “no Cartier Le Marais – uma zona antiga com muitas lojinhas, ruas estreitas e os museus Picasso e Carnavalet a dois passos do metro S. Paul e da Catedral da Notre-Dame.” António Batista, jornalista, conta que a bagagem que levaram para férias era mais pequena do que o habitual, pois já sabiam que na casa de troca havia muitos brinquedos que a família francesa tinha deixado para os seus. “A dada altura sentia-me mesmo como um



Trocas sem baldrocas

De acordo com António Batista, que em 2005 foi convidado para administrar a versão portuguesa do HomeExchange, o programa é líder mundial deste tipo de modalidade. “Temos 21 mil associados e já se realizaram cerca de 250 mil trocas”, assegura à **NS**.

Esta forma de passar férias não é, contudo, para todos, embora não existam restrições. “A maioria dos utilizadores do programa são médicos, advogados, reformados com capacidade financeira e pessoas com um nível cultural elevado.” É por isso, argumenta António, “que as pessoas entram nisto sem receios ou preconceitos”. O respeito pelos bens alheios é “algo que praticamente ninguém põe em causa”.

habitante local. Muitas vezes saíamos de casa com as bicicletas e dávamos umas voltas pelos vários parques existentes na zona.” E as compras eram feitas no comércio local. Com humor, Helena Santos, professora de História, acrescenta que quando chegaram à casa de Paris a família francesa tinha deixado “fitinhas vermelhas nos armários que deveriam permanecer fechados”. Sobre primeira experiência, António Batista realça que se sentia “a contribuir para a economia local e não para um qualquer grupo económico ou empresa que exploram turistas nos hotéis”.



Dois dias antes de partir para o Canadá, a família portuguesa foi cumprimentar os seus hóspedes

DEIXAR A CASA A ALGUÉM que só se conhece via Internet é para António Batista – administrador da versão portuguesa do Home-Exchange – “uma questão de confiança”. Isto é, “eu vou para casa de alguém e sei que tenho alguém na minha. Tendo os devidos cuidados e repondo os bens alimentares, entre outros produtos, que se consomem durante as respectivas estadas. Geralmente, até são deixadas algumas instruções.

A outra família canadiana com a qual o casal da Marinha Grande vai trocar de casa “pediu particular cuidado com um sofá branco recém-comprado”. São pormenores que não interferem minimamente nas regras do jogo deste programa, que tem cada vez mais interessados. Há casos, porém, em que as pessoas

fecham numa divisão os objectos mais íntimos e outros que não recebem crianças.

Além da vertente financeira, porque no fundo só se pagam as viagens, António Batista defende que esta modalidade “contribui para a prática de um turismo sustentado e que integra igualmente uma vertente ecológica, já que havendo trocas minora-se de certa forma as grandes concentrações de pessoas e automóveis durante as férias, principalmente nas épocas altas”.

De salientar que o TrocaCasa está especialmente virado para famílias com um certo nível de vida. “São pessoas que normalmente têm duas casas, carro e até iates e que podem disponibilizar mais facilmente uma habitação”, remata António Batista. ■

Deixar a casa a alguém que só se conhece via Internet é “uma questão de confiança”. O sistema tem funcionado bem e quem se inscreve promete continuar a passar férias desta forma

Férias em esperanto

Razões mais altas se levantam para quem ousa aprender uma língua que muitos consideram morta e enterrada e que foi inventada, no final do século XIX, por Ludwik Lejzer Zamenhof. A ideia do polaco era a de criar uma forma de comunicação de fácil aprendizagem que servisse como língua franca internacional para toda a população mundial. Embora o seu sonho não se tenha tornado uma realidade tão abrangente como a que desejava, é certo que milhares de pessoas em todo o planeta ainda se entregam ao seu estudo e prática.

Todos os anos juntam-se no Congresso Universal de Esperanto mais de 1300 esperantistas e muitos outros continuam a descobrir “as potencialidades dessa língua”, assegura Miguel Boeiro, presidente da Associação Portuguesa de Esperanto.

É o esperanto que, por exemplo, está na base do programa que propicia férias diferentes a cidadãos de todo o mundo. Todos os anos é lançado um livro agrupado por países com os nomes e moradas dos esperantistas que disponibilizam as suas casas a outros companheiros de aventura.

Mas, ao contrário do TrocaCasa, a ideia não é a de deixar a habitação deserta para usufruto dos visitantes. “O objectivo é o de convivemos, trocarmos experiências e de só falarmos em esperanto”, explica Miguel Boeiro, que se preparava para receber na sua casa de Alcochete um casal búlgaro. Também ele e a mulher já estiveram na Bulgária, tendo corrido o país e conhecido particularidades “com as quais não teriam tido contacto se tivessem feito uma viagem com programas turísticos”.

No Pasporta Servo – a lista com as moradas de esperantistas de todo o mundo –, os associados indicam também o que podem disponibilizar em termos de instalações e de alimentação. Depois “é só acertar as coisas”, adianta.